


JACQUES FUX: QUANDO OS CAMINHOS DA LITERATURA E DO JARDIM DE INFÂNCIA CONVERGEM

Darlan Roberto dos Santos*

 <http://orcid.org/0000-0002-7268-9340>

Como citar esta resenha: SANTOS, D. R. dos. Jacques Fux: quando os caminhos da literatura e do jardim de infância convergem. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 1-4, set./dez. 2021. DOI 10.5935/1980-6914/eLETRE2114385

Submissão: março de 2021. **Aceite:** agosto de 2021.

Devo minha primeira noção do problema do infinito a uma grande lata de biscoitos que deu mistério e vertigem a minha infância. Nos lados desse objeto anormal havia uma cena japonesa; não recordo as crianças ou guerreiros que a compunham, mas sim que em um canto dessa imagem a mesma lata de biscoitos reaparecia com a mesma figura, e assim (ou ao menos em potencial) infinitamente... [...]. Ao procedimento pictórico de inserir um quadro dentro de um quadro corresponde nas letras o de interpolar uma ficção em outra ficção (BORGES, 1999, p. 504).

■ **N**em toda literatura é somente literatura. Nela podem estar embutidos conceitos, reflexões e teorizações. Assim, em Guimarães Rosa, o sertão não é apenas sertão. Em Jorge Luis Borges, uma biblioteca tem sentidos incontáveis. Inspirado por esses e outros mestres, Jacques Fux aventura-se novamente na ludicidade, com *Um labirinto labirintico*. Após incursões

* Faculdade Santa Rita (Fasar), Faculdade de Direito de Conselheiro Lafaiete (FDCL) Conselheiro Lafaiete, MG, Brasil. E-mail: fenixdr@gmail.com

na autoficção e em romances que mesclam realidade e fantasia, o escritor mineiro, que já abordou temas bastante adultos, como a impotência masculina e a loucura (sempre com um toque irônico), volta a eleger, como público-alvo, as crianças¹. Pelo menos aparentemente.

Um labirinto labirintico foi lançado em 2020 pela Biblioteca Pública do Paraná e está disponível para *download*, gratuitamente, no *site* da instituição, após obter o terceiro lugar no Prêmio Biblioteca Digital, na categoria Infantil. O livro engrossa a lista de trabalhos premiados do autor, já reconhecido por *Literatura e Matemática: Jorge Luis Borges, Georges Perec e o Oulipo* (Prêmio Capes 2011 de melhor tese do Brasil de Letras/Linguística), *Antiterapias* (Prêmio São Paulo de Literatura de 2013) e *Brochadas: confissões sexuais de um jovem escritor* (menção honrosa no Prêmio Cidade de Belo Horizonte 2015, na categoria Romance).

Em sua mais recente obra, Fux (2020, p. 4) potencializa a capacidade de surpreender os leitores ao construir uma história que, segundo suas próprias palavras, é cheia de “de repente”: “como num susto, num soluço ou num sonho, o menino detetive se viu totalmente perdido em um labirinto. Mas não era um labirinto qualquer. Era um labirinto labirintico”. A premissa fantasiosa desdobra-se em uma série de acontecimentos, nos quais um garoto tenta escapar do labirinto e, em sua jornada, encontra vários obstáculos e alguns companheiros: um tigre, uma baleia, uma cobra e até o Minotauro.

Acompanhado das criativas ilustrações de Benett, o texto é divertido, acessível a todas as idades e, como boa literatura infantil, tem a capacidade de transportar-nos para um universo imaginativo. Essa é a leitura óbvia de *Um labirinto labirintico* – um genuíno livro “para crianças”.

No entanto, como é característico na escrita de Fux, nem sempre as intenções concentram-se na superfície. *Um labirinto...* é, inegavelmente, uma obra infantil. Mas é também um misto de inspiração/homenagem a grandes mentores intelectuais do autor, reverenciados em sua trajetória – a começar por Borges. O espaço com infinitas possibilidades e caminhos que se bifurcam, e que serve de cenário para as peripécias do personagem, é o mesmo local que fascinou o escritor portenho:

Em uma entrevista com María Esther Vázquez, ela pergunta quando, onde e por que aparece o labirinto como tema. Borges lhe responde que se lembra de um livro das sete maravilhas do mundo, sendo que entre elas estava o labirinto de Creta. Ele pensava que se o desenho fosse bem examinado com a ajuda de uma lupa, poderia ver o Minotauro. Além disso, o labirinto, para Borges, é um símbolo evidente de perplexidade, uma das emoções mais comuns da sua vida. E continua explicando que para ele expressar essa perplexidade, que o acompanhou ao longo de toda a sua vida e que torna muitos dos seus próprios atos inexplicáveis até mesmo para ele, escolheu o símbolo do labirinto (CESCO, 2011, p. 258).

Borges revisitou o labirinto em textos como *La casa de Asterión*, *La muerte y la brújula*, *La biblioteca de Babel* e *El jardín de senderos que se bifurcan*. Jacques Fux, por sua vez, coloca um garoto no misterioso espaço, onde, a princípio, só existe um quebra-cabeça.

¹ O primeiro flerte com a seara infantojuvenil aconteceu em 2019, com *O enigma do infinito*, ilustrado por Raquel Matsushita, que foi finalista do Prêmio Jabuti.

Não se trata, porém, de um quebra-cabeça comum. Nesse, cabe o mundo inteiro! Passado e futuro, todas as histórias, imaginações e sonhos. Cabe até o protagonista, em uma estrutura de *mise en abyme*, na qual ele se enxerga na imagem que estampa a caixa do brinquedo e a cena é repercutida infinitamente, como em um jogo de espelhos. Nesse contexto, descortina-se o desafio do pequeno herói:

Vasculhou o manual de instruções, e descobriu que para sair dali tinha que montar esse quebra-cabeça que representava o mundo inteiro. Aquilo era um simulacro! Um portal que deveria cruzar para voltar ao seu lar. O menino perito abriu a caixa com muito cuidado para não perder nenhuma peça. E se surpreendeu com o que viu. Era um quebra-cabeça infinito (FUX, 2020, p. 9).

No sem-fim de peças, nada mais borgeano que a missão interminável de encaixar partes, desvendar charadas e colecionar experiências – e elas não cessam de acontecer! “Sair daqui vai ser um problema” (FUX, 2020, p. 11), reflete o desbravador mirim, que passa a vivenciar as mais inusitadas situações, como uma fuga pelo oceano, a travessia de um deserto e o passeio por um redemoinho. Como filosofa Guimarães, “Só se sai do sertão tomando conta dele adentro” (ROSA, 1982, p. 212). Se o intuito de voltar ao lar é cumprido, não seria apropriado mencionar aqui, já que tal resposta revelaria o final da história – se é que existe um final, um recomeço ou um eterno retorno... Como assinala Borges (1984, p. 254, tradução nossa): “Há um conceito que corrompe e altera todos os outros. Não falo do Mal, cujo limitado império é a Ética; falo do Infinito”².

Afora as diversas referências a imagens e temas caros a Borges (poderíamos citar também o tigre, o Minotauro e as conjecturas sobre o universo), *Um labirinto labirintico* remete a Georges Perec. O literato francês, em *La disparition* (1969), demonstra verdadeira obsessão com a letra “e”, chegando a bani-la de qualquer vocábulo de seu célebre romance. Fux não interdita letra ou palavra em sua obra; ao contrário: transforma a odisseia de seu personagem em uma busca frenética em meio ao alfabeto. Em vez da fixação por uma letra, aqui temos o enigma por meio da linguagem: “Para conseguir montar o quebra-cabeça e sair do labirinto labirintico é preciso descobrir o nome secreto que deu origem ao universo” (FUX, 2020, p. 9).

A salvação, enfim, está na palavra. Essa combinação preciosa, única, resultado da junção de letras específicas, exclusivas, que, uma vez unidas, comporão a senha que poderá libertar o menino imaginado por Fux – o menino-Fux –, oportunamente adjetivado: “detetivesco, sagaz, astuto, arguto, hábil, inteligente, talentoso” (FUX, 2020, p. 41). Resta a ele arriscar, aceitar o desafio, participar do jogo. Algo próximo de Perec, também afeito à brincadeira, ao lúdico e às combinações que só a literatura e a vida podem proporcionar.

Por fim, para ilustrar outra intertextualidade admissível na nada simplória fantasia engendrada pelo escritor mineiro, recorreremos a Ricardo Piglia (2006, p. 28), que vislumbra qualquer obra como um crime, sendo o leitor detetive encarregado de fazer as interpretações possíveis. Uma lição que o escritor diz ter aprendido com seu compatriota argentino:

2 No original: “Hay un concepto que es el corruptor y el desatinador de los otros. No hablo del Mal cuyo limitado imperio es la ética; hablo del infinito”.

Talvez o maior ensinamento de Borges seja a certeza de que a ficção não depende apenas de quem a constrói, mas também de quem a lê. A ficção também é uma posição de intérprete. [...] Ser borgeano (se é que isso existe) é ter a capacidade de ler tudo como ficção e de acreditar no poder da ficção. A ficção como uma teoria da leitura.

Borges crê no leitor-investigador; Piglia, do mesmo modo. Fux parece seguir os mestres e deixa pistas a esse respeito, nomeando seu personagem como “menino detetive”. Aquele que deve montar o quebra-cabeça, encontrar a palavra que fez surgir o universo. O garoto que depende da combinação de letras para seguir seu destino, retornar ao seu lar.

O labirinto labiríntico é, afinal, uma encantadora aventura aos olhos pueris, que revela outras significações e estabelece pontes e intercessões com memoráveis representantes da literatura. Ou, nas palavras de Piglia (2004, p. 89-90), “um relato visível [que] esconde um relato secreto, narrado de modo elíptico e fragmentário”. Ao leitor, resta o convite para se embrenhar nesse labirinto.

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. Avatares de la tortuga. *In*: BORGES, J. L. *Obras completas*: 1923-1972. Buenos Aires: Emecé Editores, 1984. p. 254-258.
- BORGES, J. L. Quando a ficção vive na ficção. *In*: BORGES, J. L. *Obras completas*. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Globo, 1999. v. 4, p. 504-506.
- CESCO, A. Análise e tradução do poema “Labirinto” de Borges. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação* (Furb), v. 5, p. 257-268, 2011.
- PEREC, G. *La disparition*. Paris: Denoël, 1969.
- PIGLIA, R. *Formas breves*. Tradução José Marcos Marinani Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PIGLIA, R. *O último leitor*. Tradução Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROSA, J. G. *Grande sertão: veredas*. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

FUX, J.

Um labirinto labiríntico. Ilustração Benett.

Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, 2020. *E-book*.